

# **Motivos e despedidas: o discurso suicida sob a perspectiva textual/discursiva e retórica**

**Evandro de Melo Catelão (UFPR)<sup>1</sup>**

**Resumo:** Alguns textos produzidos por meio das ações humanas, apesar de serem recorrentes, são pouco estudados em decorrência do tipo de situação sociocultural e discursiva em que são produzidos, nas quais se encontra muita resistência, ou delimitações éticas, sociais e jurídicas que dificultam seu estudo, como é o caso dos documentos produzidos por suicidas. O presente estudo é parte integrante de tese de doutorado em Letras que alia uma perspectiva de análise textual/discursiva a conceitos da Retórica na análise de produções de suicidas. Textos produzidos por suicidas apresentam diferentes crenças que são expressas em proposições, introduzindo motivos e/ou intenções da escolha pelo suicídio. As análises da tese indicaram que os textos de suicidas apresentam partes de um comportamento verbal escrito que traduzem a imagem do eu discursivo suicida. No presente artigo será abordada parte da tese que trata das composições que se mostraram com motivação para a escritura (não para o suicídio) ou sem motivação. A maioria dos documentos nessa categoria articula-se como casos particulares de documentos produzidos por suicidas em que o co(n)texto contribui para a identificação de relação com o suicídio. O bilhete, como microunidade de sentido, revela estar atrelado à materialidade discursiva, local e tempo de realização. Afastado desses elementos, muito do que se poderia afirmar acaba perdido, longe demais de uma esquematização discursiva precisa. Uma imagem de si, solitária, anônima ou que busca o anonimato, seja em sua identidade, seja pela definição dos motivos para o suicídio, caracteriza um tipo de discurso bem próprio a essa classe de produções.

## **Introdução**

É sabido que, no passado, as formas e processos argumentativos eram estudados por filósofos da Retórica clássica que se comprometeram com um estudo da argumentação ligada a uma perspectiva persuasiva da verossimilhança. Parte do que expõe o próprio Aristóteles em sua Retórica tem como ponto de partida uma organização do que é dito como arte da palavra, ou arte do discurso. Durante séculos, essa organização foi revisitada e explorada, permanecendo quase que imutável em seus conceitos mais centrais, como das relações humanas e atividades políticas. Dando um salto no tempo, mas mesmo assim ainda fundada em uma base aristotélica, no século XX, uma Nova Retórica, ou nova visão da Retórica, foi motivada pela invasão da publicidade no contexto social, remodelando algumas das concepções clássicas frente a novos papéis que foram se configurando a partir de outros aspectos das condutas humanas (Perelman & Tyteca, 1996; Breton, 2003; 1999). Mais expressivamente nesse mesmo período, pelas ciências da linguagem, as questões envolvendo a argumentação foram estudadas por diferentes princípios: estaria inscrita na língua (TAL – Teoria da Argumentação da Língua de Ducrot); estaria na projeção que tem o enunciado (Linguística da Enunciação de Benveniste); seria esquematizável e textualmente delineada por elementos discursivos (Adam, 2005; 2008; 2010). Outras abordagens poderiam ainda ser citadas, mas prefere-se salientar apenas o profundo interesse que nas últimas décadas tem sido direcionado à argumentação, tendo em vista características sociodiscursivas presentes em ações do comportamento humano.

---

<sup>1</sup> Orientadora: Prof. Dr. Iara Bemquerer Costa, da Universidade Federal do Paraná – Bolsista CAPES/REUNI.

Nesse ponto, situa-se novamente o interesse pelo estudo dos textos produzidos por suicidas, ressaltando-se as lacunas existentes dentro dos aspectos mencionados e a observação de que, apesar de serem recorrentes, são documentos pouco estudados, possivelmente em decorrência do tipo de situação sociocultural e discursiva em que são produzidos, o que resulta em muita resistência, prejulgamentos, delimitações éticas, limitações sociais e jurídicas que dificultam sua pesquisa. Sobre produções de suicidas estão ausentes trabalhos na área de linguagem, mesmo que possam colaborar com estudos interligados a outras áreas do conhecimento humano, como os realizados pela psicanálise, ciências comportamentais e Sociologia.

Inicialmente, a argumentação suicida pode ser tomada como uma forma de composição elementar que pode ser expressa sob representações relativas a um esquema argumentativo, presente na memória discursiva dos sujeitos, tornando-se importante seu estudo. Nos limites que se pretende traçar para o estudo dessas produções, define-se o conceito do ato de argumentar como uma estratégia na qual são empregados inúmeros procedimentos. Essa estratégia é geralmente direcionada por uma ação assertiva/constativa a um coenunciador, envolvendo o compartilhamento de um ponto de vista. Enfatiza-se que a presente pesquisa insere-se nesse contexto, realizando um estudo de textos produzidos por suicidas sob uma perspectiva de análise textual/discursiva acrescida por conceitos da Retórica e da Nova Retórica.

Coletou-se o *corpus*, em sua maioria, em inquéritos policiais arquivados no Arquivo Nacional da cidade do Rio de Janeiro (ANRJ) e uma ocorrência no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (ocorrido no ano de 1954). Dentre os inquéritos do ANRJ, apenas foram encontrados disponíveis para consulta e divulgação processos abertos entre os anos de 1890 e 1940. Segundo algumas das fontes pesquisadas, inquéritos mais recentes não estão disponíveis ou correm em segredo de justiça, demandando autorização judicial ou familiar, além de cortes e tarjas para preservação de privacidade. Foi incluída a análise de outra ocorrência divulgada pela imprensa em fonte virtual como parte de notícia de falecimento, um caso mais recente do ano de 2009 (caso de domínio público), utilizado na pré-análise<sup>2</sup>. Um exame preliminar revelou que o *corpus* abrange diferentes suportes e tipos de texto, alguns talvez correlatos ou que são parte de outro gênero ou subgênero de discurso.

A singularidade foi um aspecto recorrente desde o início dos trabalhos de caracterização dos textos produzidos por suicidas. O presente artigo traz (dentre as produções encontradas) discursos com causas não declaradas para o suicídio, isto é, textos nos quais não haveria uma apresentação do motivo para o suicídio, mas sim uma revelação do motivo para escritura da carta ou bilhete ou, até mesmo, nem a apresentação dessa motivação. Esse dado é importante, pois, não confirma parte de uma das hipóteses iniciais do estudo de que o discurso do suicida estaria atrelado ao esclarecimento das motivações e às despedidas.

Essa singularidade fica expressa tanto no tipo de argumentação quanto no próprio campo composicional e os documentos ora aproximam-se da carta, ora do bilhete, ou trazem apenas uma única proposição, sem marcas de abertura ou fechamento. São microunidades de sentido ou proposições curtas, objetivas, que trazem, ou não, o vocativo, o corpo da argumentação e o fechamento com data, assinatura, ou outro tipo de marca particular ou sinal de identificação.

---

<sup>2</sup> Preferiram-se fontes de arquivos públicos, apesar de terem sido encontradas outras ocorrências em fontes virtuais. Para mais informações, ver procedimentos de coleta de dados.

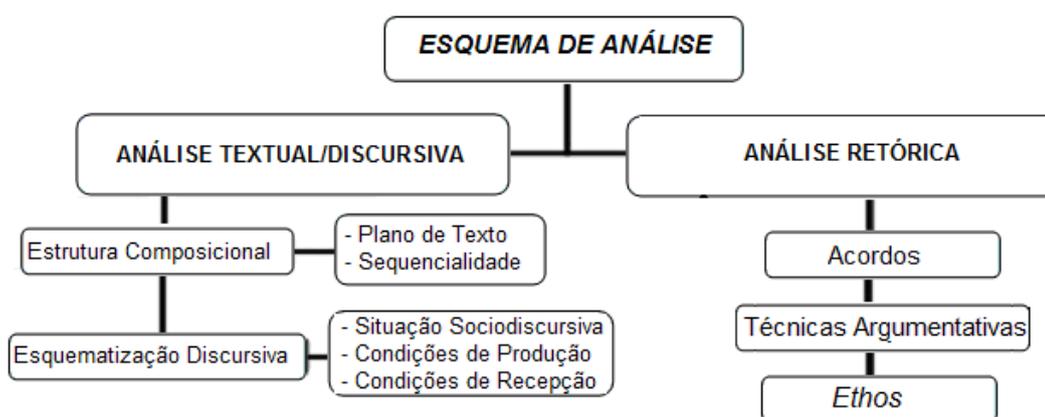
Em se tratando da argumentação do suicida, seria possível indagar previamente se essa objetividade não poderia ser considerada uma característica a ser realçada, sobretudo em relação à imagem de si do autor discursivo. A expressão das intenções de forma direta seria parte do comportamento verbal escrito de alguns sujeitos. Em outras palavras, assim como há suicidas que preferem guiar seus discursos pelo detalhamento de ações e os que optam por não escrever, há um grupo particular segue pela apresentação de uma única proposição sem definição da motivação para a ação suicida ou para a escritura do documento.

### 1. Limites das análises textual/discursiva e retórica

Em todos os momentos teve-se dúvida quanto ao modelo de análise que pudesse dar conta do *corpus* e ao mesmo tempo abarcar questões de interesse da pesquisa que foram delineadas e organizadas pelos fundamentos teóricos. Alguns dos pressupostos inicialmente selecionados tiveram que ser abandonados em função do foco que foi sendo traçado a partir de uma pré-análise dos primeiros documentos textuais coletados.

As premissas identificadas nas primeiras observações do *corpus*, ampliadas segundo os dados das crenças fundadas e infundadas de Agrest (2010), permitiram escolher e estabelecer limites em que se acreditou ser representativa uma análise textual/discursiva e retórica. Criou-se com base nessas observações um modelo de análise inspirado em análises realizadas por Jean-Michel Adam (Adam 2008 e Adam, Heidmann & Maingueneau, 2010), alterando-se alguns pontos. Dividiram-se, por exemplo, os limites da análise em dois planos, textual/discursivo e retórico. No textual/discursivo direcionou-se à descrição de aspectos composicionais e provenientes das atividades sociodiscursivas da linguagem. No retórico, inseriram-se conceitos provenientes da Retórica e Nova Retórica, com vistas às escolhas dos argumentos e às projeções *ethos*, *pathos* e *logos*. Conforme a seleção do quadro teórico, criou-se um esquema de análise (esquema 1), sob duas projeções complementares: a textual/discursiva e a retórica, retomadas e articuladas em uma tentativa de estabelecer um quadro de reflexão sobre o *corpus* coletado.

Esquema 1: Esquema de análise



O esquema foi desenvolvido por uma união de campos de análise complementares: um textual/discursivo (ADAM 2008 e ADAM, HEIDMANN & MAINGUENEAU, 2010) e outro de análise retórica com incorporação do conceito de acordo da Nova Retórica e de *ethos* para

a Retórica Clássica, juntamente com alguns acréscimos de Maingueneau (sem adentrar na AD), que também busca o conceito de *ethos* discursivo na Retórica. No quadro, utilizou-se do modelo de Adam (2008), adotando-se uma organização da análise que torna o campo discursivo e o textual como complementares. Assim, no que abrange uma análise textual, descreve-se dentro do *corpus* colhido aspectos de sua estrutura composicional com base na sequencialidade dominante e sua combinação em planos de texto e, por fim, a explicitação do processo de esquematização discursiva. Após essa seleção, adicionaram-se às análises algumas noções da Retórica e da Nova Retórica para o campo da argumentação, que em última observação tornaram-se reveladores para a análise discursiva.

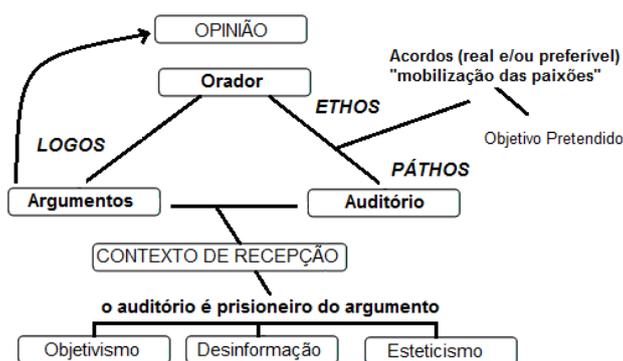
## **2. Visão retórica da argumentação e a noção de sequência na Linguística Textual**

### **2.1. A Retórica e a Nova Retórica**

É junto à Retórica que surgem as primeiras discussões a respeito do papel da argumentação, sendo a própria retórica muitas vezes definida segundo a argumentação, ligada ao raciocínio e também à persuasão e manipulação das opiniões em uma relação com a arte de criação do discurso. Novas disciplinas incorporaram parte de seus conceitos, lhes atribuindo outras características ou simplesmente utilizando-os como terminologia de base em diferentes análises.

É importante perceber que a teoria da argumentação nesses moldes volta-se aos participantes do discurso e a outros elementos (técnicas) do contexto de produção assim como desenvolvem Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996). Discutindo a questão, Breton (2003) apresenta um esquema que aqui foi adaptado, relacionando os conceitos apresentados pelo autor com a categoria de acordo e técnicas de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), conforme se vê a seguir (esquema 2). Nesse esquema sistematiza-se uma situação argumentativa de produção, relacionando os elementos retóricos/discursivos a serem utilizados nas análises. Trata-se de uma interessante maneira de visualização dos polos acionados no momento do estabelecimento do discurso e que, em linhas gerais, situa os objetos em discussão e auxilia na própria elaboração de um quadro argumentativo retórico nas produções de suicidas (acordos, argumentos, *ethos*, *pathos*, ponto de vista, entre outros). No esquema, as atividades se concentram em torno do orador, seu auditório e os argumentos que direcionarão a tese principal (parte central do triângulo). O orador constrói uma imagem de si (*ethos*) e uma imagem do auditório (*pathos*), as quais propiciarão maior chance de adesão a sua opinião/PdV, transmitida a fim de “mobilizar as paixões” do auditório, seduzi-lo (realização do acordo), de forma que compartilhe da tese, por uma escolha sistematizada de argumentos (dados e proposições) com o objetivo de atender às intenções da produção do discurso, ou objetivo discursivo visado. No contexto de recepção criado, tem-se o modo de aprisionamento do auditório à tese, marcado pelos argumentos em função de um discurso objetivo, e/ou baseado na desinformação e/ou esteticismo.

Esquema 2: Limites da argumentação



Esquema adaptado de Breton, 2003, p. 53.

O esquema acima, baseado e adaptado do esquema de Breton (2003, p. 53), apresenta a argumentação como uma atividade humana estritamente relacionada à ação de convencer ou compartilhar uma ideia, levando os outros à adoção da opinião pela escolha dos argumentos, estabelecimento de um acordo e das figuras de *ethos* e *pathos* criadas. Aponta a possibilidade de aprisionamento pelo discurso, em que convencer pode também assumir uma perspectiva alternativa ao uso da força física como forma de adesão e sedução, por motivação implícita, sem que o coenunciador se dê conta disso, ou seja, por manipulação. A opinião, para Breton (2003), apresenta um sentido forte, pois, seria representada por crenças que guiam as ações dos sujeitos, fazendo com que assumam determinadas condutas e organizem-se em grupos que compartilhem de uma mesma opinião. Em um paralelo com o que foi discutido na tese, a opinião equivale ao ponto de vista (PdV) dos sujeitos, ou responsabilidade enunciativa pelo enunciado. Na maioria das situações de produção, a adesão do auditório ao PdV do orador é o objetivo do discurso.

## 2.2. Os acordos como condições de recepção

O conceito de argumentação aparece primeiramente inserido na retórica e nela tem um ponto de partida nas discussões do como persuadir e principalmente dos tipos de argumentos como instrumentos de persuasão presentes no discurso (*ethos* e *pathos* – de ordem afetiva, e *logos* – de ordem racional). Seguindo esse princípio, Reboul (2004) afirma que uma das questões delimitadoras da argumentação está em “a quem” o discurso se destina e em sua consideração na interpretação do discurso, uma vez que esse é construído tendo em vista a imagem (*pathos*) que o orador/enunciador tem de seu auditório/coenunciador e as intenções do discurso. Na pesquisa, delimitou-se parte dessa projeção face à esquematização discursiva sob o formato das condições de recepção do discurso e foi nesse sentido que se encontrou a necessidade de uma definição mais aprofundada, optando-se por se fazer um paralelo com a noção de acordo. As bases dessa discussão são encontradas na Nova Retórica de Perelman, na qual o autor traça aspectos da argumentação na adesão ou não adesão do auditório a uma tese defendida por um orador, remetendo a vários conceitos.

Schmetz (2000), estudioso da obra do autor, aborda alguns desdobramentos que essa visão apresenta e que são importantes a considerar em razão do tipo de *corpus* da pesquisa. Por conta da noção de acordo, um aspecto central ficaria por conta do texto de Perelman ser

dirigido a um tipo de discurso perfeito, ou que tem a pretensão de ser perfeito e vislumbraria certas parcelas em detrimento de outras. Esse aspecto circunda as relações que deveriam ter todos os discursos em função de seus objetivos discursivos visados. Aproveita-se essa observação para a pesquisa (o que levaria a uma possibilidade de utilização dos conceitos do autor para além de sua obra), minimizando-a e tomando como ponto-chave que, ao construir seu discurso, todo orador tem por objetivo a perfeição, ou que pelo menos a compreensão e o julgamento desse discurso pelo auditório sejam adequados. Para tanto, é interessante retomar o esquema 2. Tanto do ponto de vista do discurso quanto da retórica, o ato de argumentar exige a consideração do outro, do contexto de recepção estabelecido pela seleção de acordos entre o orador e seu auditório, este último aprisionado aos argumentos do orador. Trata-se, portanto, de dar atenção às proposições prévias presentes na argumentação, sem as quais não seria possível estabelecer o discurso.

Esse acordo tem por objeto ora o conteúdo das premissas explícitas, ora as ligações particulares utilizadas, ora a forma de servir-se dessas ligações; do princípio ao fim, a análise da argumentação versa sobre o que é presumidamente admitido pelos ouvintes (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 73).

Para Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), os acordos que podem servir de premissas ou ainda ser o objeto de crença ou adesão frente ao auditório são divididos em duas classes, a do *real* e a do *preferível*. A classe dos acordos relacionados ao real compreende os fatos, as verdades e as presunções, orientadas para um auditório universal<sup>3</sup>; a relativa ao preferível comporta os valores, as hierarquias e os lugares do preferível, sendo direcionadas ao que se admite como um auditório particular<sup>4</sup>. É importante destacar que tanto os acordos do real quanto os do preferível correspondem na argumentação às premissas expostas que serão direcionadas/escolhidas segundo as necessidades da situação de produção, podendo ou não aparecer explicitamente. Primeiramente, o acordo envolverá o que é posto como real: fatos, verdades, presunções de verdade que sustentarão a argumentação; em um segundo momento, será relacionado ao que é preferível, ou seja, o universo de valores, hierarquias e lugares que envolvem os argumentos (Costa, 2009).

### 2.3. Os tipos de argumentos como mecanismos da argumentação

Cada escolha realizada em detrimento de outras na seleção e apresentação dos dados ou premissas que servirão à tese pode direcionar mais ou menos o auditório. Para a pesquisa, a observação dessas escolhas representou uma forma de exibição de particularidades dos documentos produzidos por suicidas, uma espécie de caracterização que só poderia ser visualizada com base no exame de uma espécie de teia argumentativa composta pelos tipos de argumentos eleitos para fazer parte do discurso. Uma distinção dos tipos de argumentos foi

---

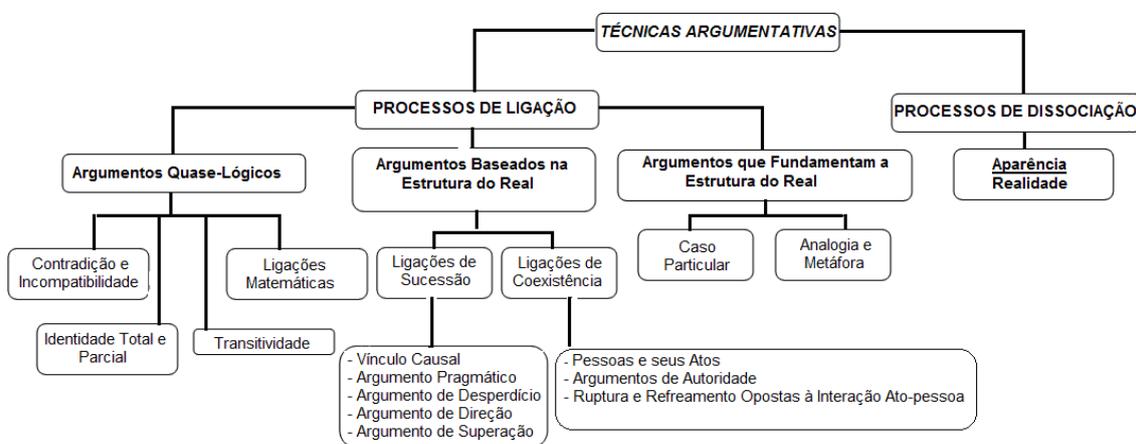
<sup>3</sup> O auditório universal, segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996, p. 37), corresponde a um número de participantes discursivos que apresentam um perfil semelhante e que, dessa forma, compartilham também um determinado ponto de vista facilmente identificável pelo orador. Os indivíduos que compartilham de uma mesma nacionalidade, toda a humanidade, os homossexuais, entre outros. “O auditório universal é constituído por cada qual a partir do que sabe de seus semelhantes, de modo a transcender as poucas oposições de que tem consciência”.

<sup>4</sup> Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996, p.34) definem o auditório particular como qualquer indivíduo ou pequeno grupo de indivíduos cujas atitudes são conhecidas pelo locutor. “O indivíduo que delibera ou o interlocutor do diálogo podem ser percebidos como um auditório particular, cujas reações conhecemos e cujas características somos ao menos capazes de estudar”.

realizada por Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) com a denominação de técnicas argumentativas. Trata-se, como afirmam os próprios autores, da análise da estrutura de elementos que compõem a argumentação isoladamente, mesmo que se reconheça que sua significação só se constrói quando em relação ao seu todo. Em outras palavras, é preciso considerar em qualquer análise que todo discurso é determinado por sua situação de produção, sendo assim sua significação/resultado final não podem ser medidos senão em uma articulação entre todas as partes que o compõem, com o objetivo de não perder elementos de ligação e que podem permear um tipo de argumento selecionado e outro.

Os tipos de argumentos observados pelos autores inserem-se em dois grandes eixos esquemáticos argumentativos que são em sua essência complementares e operantes em conjunto, um segundo processos de ligação (aproximação de argumentos com o objetivo de estruturá-los e impor valor positivo ou negativo) e outro segundo processos de dissociação e ruptura (reparação de argumentos considerados solitários, modificando sistemas de noção). As técnicas de ligação são organizadas em i) argumentos quase-lógicos; ii) argumentos baseados na estrutura do real; iii) argumentos que visam fundamentar a estrutura do real. O grupo de argumentos baseados na estrutura do real apresenta as técnicas de ruptura de ligação e dissociação caracterizadas todas em um único subeixo esquemático pelos autores. Cada subcategoria de técnicas apresenta uma série de sub-ramificações internas e traços argumentativos intermediários entre uma classe de argumentos e outra. Um conjunto simplificado e geral das técnicas pode ser visualizado abaixo (esquema 3). Ao se elaborar o esquema não se pretendia ser exaustivo na demonstração de todos os tipos de argumentos apresentados pelos autores, sendo apenas uma forma de visualização geral das técnicas.

Esquema 3: Técnicas argumentativas



## 2.4. O modelo textual/discursivo e a sequência argumentativa

O modelo textual/discursivo de Adam (2008; 1999) estabelece critérios de análise com base na relação entre gênero, interdiscurso e formações discursivas. No decorrer de seus trabalhos, Adam (2008) desenvolveu uma abordagem que busca inserir a Linguística Textual no campo da Análise de Discursos. O autor propõe o que chama de uma Linguística Textual desvencilhada de uma gramática de texto, utilizando-se da análise de discurso (emancipada da Análise do Discurso francesa) como fonte para suas análises. Seu recorte abrange parte da Análise do Discurso de Maingueneau com a separação e a complementaridade das tarefas e dos objetivos da Linguística Textual e da análise de discurso, em que a Linguística Textual

(LT) se fixa em um subdomínio da análise das práticas discursivas (Adam, 2008, p. 43). Segundo o autor, há um campo maior da análise dos discursos em que está inserido o interdiscurso (ligado às formações sociodiscursivas), seguido dos gêneros e línguas em uma interação e em uma fronteira entre o subcampo da Linguística Textual e o discurso, o peritexto<sup>5</sup>.

Segundo os aspectos relativos às sequências, a sequência argumentativa prototípica é tida por Adam (1997) como um tipo de estrutura que apresenta determinadas particularidades quando em relação a outras sequências: descritiva, explicativa e dialogal. Este aspecto faz da sequência argumentativa base para determinados gêneros como artigos de opinião, gêneros do discurso político e presentes em campanhas publicitárias ou qualquer outro em que se pretende gerar adesão a uma ideia. O enunciador busca construir representações reais ou imaginárias, dividir opiniões com um ou vários coenunciadores, provocar adesão a sua opinião ou compartilhar uma tese. Para estabelecer essa intenção, a sequência argumentativa tem base na ligação entre características gramaticais, pragmáticas e semânticas com centralidade em três aspectos: os dados ou premissas, a inferências ou princípios de apoio e as conclusões.

Assim, uma dada premissa leva a determinada conclusão, que é dada como verdade caso não haja um fato que a refute, ou seja, uma *restrição*. Adam (1997) afirma existirem outras considerações que vão circundar o campo das restrições, como, por exemplo, a própria possibilidade de se enunciar “mas eu não a amo” e, por consequência, outras inferências sobre as razões da marquesa não ser amada. Nesse ponto, Adam (1997) apresenta o esquema abaixo em que trabalha com essa polaridade apoio/refutação. Trata-se de uma tentativa de chegar a um denominador comum, ou seja, a um protótipo (Rosch, 2004) de sequência argumentativa que possa ser utilizada no estudo da maioria dos casos. Com base na universalidade, generalidade e gradualidade, pode-se complementar o quadro argumentativo com o princípio dialógico da manutenção, que implica certa relação entre uma proposição argumentativa e outra. Esse fato é apresentado por Adam (1997) no esquema prototípico de sequência argumentativa apresentado abaixo, em que o autor abre lugar à tese anterior.

Esquema 4



Baseado em Adam (2008, p. 233).

O esquema, assim, se estende a outras teses que mantêm relação com a nova tese, ideia ou posicionamento defendido, produzidos ou motivados pelas inferências com base nos dados que são expressos junto à proposição. Adam (2004) afirma que seu esquema não está

<sup>5</sup> Fronteira entre os textos e as formas discursivas em que se evoca a complexidade pragmática das condições de produção e recepção.

estruturado em uma ordem linear obrigatória; a nova tese, por exemplo, pode ser formulada no início e retomada por uma conclusão que a duplica ao fim da sequência. Segundo Adam (2008, p. 234), o esquema também comporta os níveis justificativo e dialógico ou contra-argumentativo de argumentação. No justificativo, o interlocutor é pouco levado em conta e a estratégia abrange a exposição dos conhecimentos. No dialógico, “a argumentação é negociada com um contra-argumentador (auditório) real ou potencial. A estratégia argumentativa visa a uma transformação dos conhecimentos” (esquema 4).

### 3. Análise de produções sem motivação para o suicídio

Como particularidade geral para as produções a serem analisadas neste artigo, os próprios inquéritos são reticentes em qualquer afirmação a respeito dos suicídios, uma vez que poucas são as evidências que poderiam contribuir para esse esclarecimento. Permanecer incógnito e não declarar motivos para o suicídio (o que se acreditava ser no início do estudo um dos objetivos para a escrita dos documentos) talvez seja a marca mais evidente nesses textos. Trata-se de algo que difere muito das outras produções já analisadas em que, na maioria dos casos, o motivo ou justificativa para o suicídio mostrou ser o eixo da argumentação.

#### 3.1. Apresentação de agradecimento: a microunidade de sentido

O termo coenunciador remeteu, em todos os momentos da pesquisa, às figuras de interlocução ou a quem o discurso do suicida se destina. Esse interlocutor, ou figura de interlocução, apareceu em outras análises particularizado por um vocativo ou ainda tendo como foco certa universalidade não marcada, mas subentendida pelo contexto proveniente da leitura de cada um dos documentos que fazem parte da tese. Nesses limites, T5 apresenta uma situação de produção recorrente entre as análises já realizadas. Expresso em duas proposições, uma de vocativo e ou outra que desempenha o corpo da argumentação, o enunciador conduz o discurso pela caracterização do interlocutor, seguida de uma proposição-enunciado assertiva/constativa que, pelo contexto de produção, teria por intenção principal mostrar agradecimento.

T5 3ª pretoria 6Z 25 – 1912 – Suicídio – No inquérito em que T5 foi encontrado, tem-se a indicação de que o documento foi escrito pelo Capitão da Guarda Nacional Mario Cruz da Fonseca Galvão. Segundo os dados do inquérito, o capitão cometeu suicídio ingerindo uma grande dose de Morfina. As conclusões do juiz responsável do inquérito revelaram motivo impreciso para o suicídio (folha 15). Segundo o inquérito, Theresa, citada no bilhete, seria uma amiga que o capitão havia conhecido há 10 dias e a quem pedira ajuda para intervir em sua relação com uma terceira pessoa, Darita Flor. Theresa declarou nos autos que Darita havia afirmado na época que “não poderia aceitar a amizade em virtude de já ter uma pessoa a quem detinha inteira amizade” (folha 6v). O termo amizade parece indicar relacionamento amoroso.

Transcrição do original

[1] Minha Santa e Bella Theresa

[2] Há favôres n’este mundo que quando são feitos não há nada nem com a própria vida meios para provar.

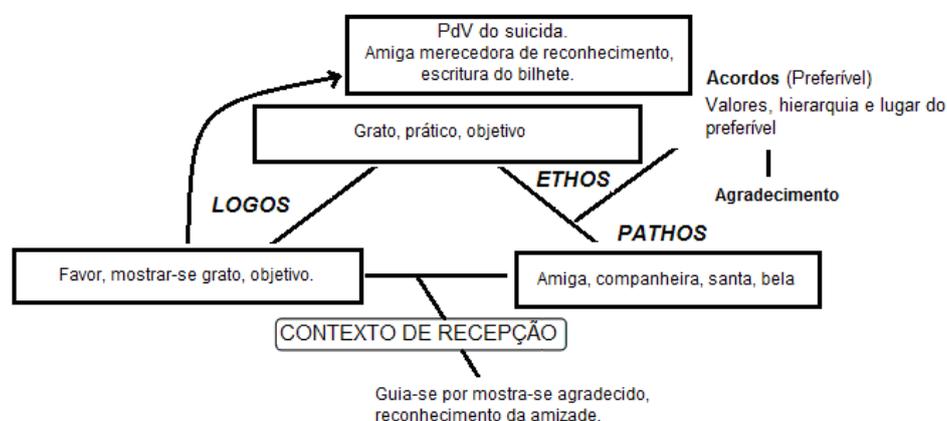
Adam (2008) sintetiza a apresentação de alguns enunciados como microunidades de sentido, ou seja, tipos de proposições que, apesar de curtas, trazem ligações possíveis com um contexto anterior e posterior no momento de sua esquematização como resultado. Nesses

limites, T5 apresenta-se disposto em duas proposições-enunciados em que, pelo seu plano de texto, é possível entender como um vocativo e um corpo argumentativo.

O documento é marcadamente uma microunidade de sentido desenvolvida em duas microunidades sintáticas (enunciado nominal e enunciado verbal). A orientação argumentativa dos enunciados permite a identificação de ligações com outros enunciados possíveis de resposta e que orientam o leitor na focalização do coenunciador ou lugar do destinatário, como íntimo, santo e belo (Minha Santa e Bella Theresa). Esse interlocutor seria quem teria realizado o “favor”, prova de algo, ou, mais especificamente, uma prova de amizade. Esse favor seria possivelmente por Theresa ter feito o contato entre o enunciador e a amiga Darita (“Há favôres n’este mundo que quando são feitos não há nada nem com a própria vida meios para provar”).

A (re)construção do contexto de produção sugere essa leitura, uma vez que no inquérito há essa informação. Segundo o inquérito, “Galvão pedira a declarante [Darita] para viver inteiramente para ele, ao que a declarante respondeu-se ser isto impossível, em virtude de viver amasiada com outra pessoa” (folha 7). Em [2] pode ser entendido um valor ilocucionário assertivo/constativo de um estado ou ser, afirmação/declaração do favor realizado por Theresa. A responsabilidade argumentativa dá conta dessa leitura que circunscreve a proposição-enunciado ao ponto de vista (PdV) de geração de sentimento de favor<sup>6</sup>. Um esquema retórico para esse PdV poderia ser traçado sob as seguintes projeções, tendo em vista a imagem da amiga Theresa:

Esquema 5: Esquema Retórico T5



Pelo esquema tem-se um orador que se posiciona com uma imagem de *ethos* ligada à praticidade, uma espécie de sabedoria (*phronesis*), objetividade e, ao mesmo tempo, apresentar-se grato à amiga, em um discurso marcado por poucos detalhes. A imagem de *pathos* aparece como soberanamente perfeita (santa e bela). A santidade estaria ligada a uma espécie de perfeição de condutas, à pureza, à bondade e à beleza e também poderia ser tanto física quanto de espírito. Essas marcas fariam parte do acordo realizado com o preferível, ou seja, uma ligação com valores que, no contexto de recepção, tem por objetivo desencadear o sentimento de gratidão, apesar da intenção pela morte autoinfligida. Note-se um *logos* poetizado, com uma mensagem que traça um lugar comum, ou ponto comum na

<sup>6</sup> A proposição-enunciado pode, além de unidades sintagmáticas verbal e nominal, de um ponto de vista semântico dar conta de unidades menores como um nome ou adjetivo.

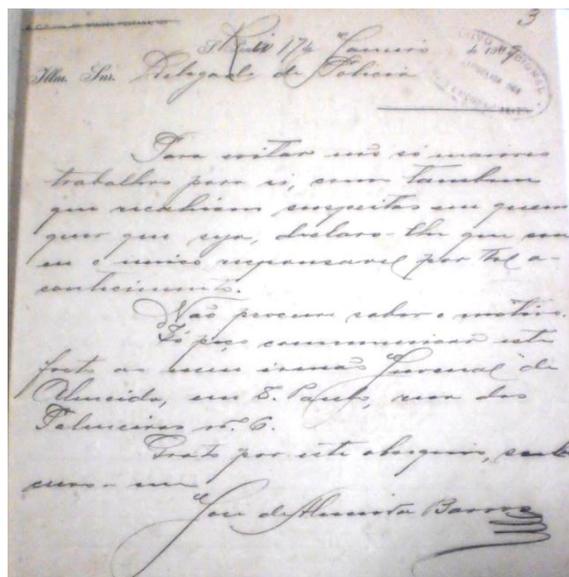
argumentação (*topos*), lugar do preferível (“[2] Há favôres n’este mundo que quando são feitos não há nada nem com a própria vida meios para provar”), o favor ao próximo como uma espécie de dádiva ministrada, prova de algo.

Junto à imagem de si no discurso, a brevidade e a objetividade traçariam um tipo de *ethos* prático. Ao mesmo tempo, o discurso define o orador como uma pessoa grata, reconhecedora dos favores a ele atribuídos, a ponto de reportar-se uma última vez à amiga. Percebe-se, pois, uma coparticipação de duas imagens de autor discursivo, uma ligada e construída no *logos* (*phronesis*), prudente, ponderado, e outra imagem construída junto ao *pathos* (*eunoia*) com a principal função de mostrar-se solidário com o coenunciador.

### 3.2. Evitando suspeitas

T12 1909 8ª Pretoria T8 3264 – Suicídio. Carta encontrada no bolso de José de Almeida Barros dirigida ao delegado da polícia. O documento destaca-se pelas características do papel que foi escrito. Um tipo de papel carta, com dados pré-impressos como “Ilm. Snr.”, cidade e timbre da empresa, riscado pelo autor, “J. Almeida & Cia Av. Rangel Pestana, 140”.

Figura 1: detalhe do original



#### Transcrição

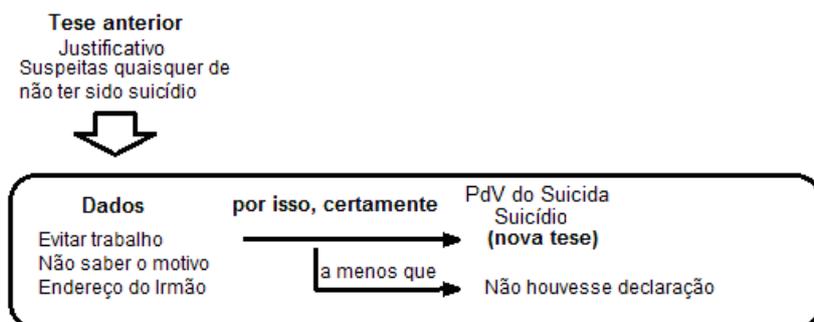
- [1] Rio 17 de Janeiro de 1909
- [2] Ilm. Snr. Delegado de Polícia
- [3] Para evitar não só maximos trabalhos para si, como também que recaham suspeitas em quem quer que seja, declaro-lhe que sou eu o único responsável por tal acontecimento.
- [4] Não procure saber o motivo.
- [5] Só peço comunicação este facto ao meu irmão Juvenal de Almeida, em São Paulo, Rua das Palmeiras nº. 6.
- [6] Grato por este obséquio, subscrevo-me
- [7] José de Almeida Barros

Trazendo o plano de texto prototípico da carta pessoal (sequência base argumentativa) e com direcionamento particularizado de interlocutores, T12 apresenta claramente as motivações para a escrita do documento, mas não apresentando a motivação para o suicídio. Tem-se a base em um ato ilocucionário assertivo/constativo, a busca intencional de se autodeclarar suicida, tentando minimizar o que seria visto como “máximos trabalhos ao delegado”, ou suspeitas de homicídio, em função da investigação das causas da morte e/ou mesmo de buscar esclarecer os motivos para o suicídio, como aparece em “[4] Não procure saber o motivo”.

Essa preocupação é mais uma evidência de um tipo de *ethos* que recai sobre a praticidade e a objetividade, busca ser claro e ciente de seu ato e escolha pela morte voluntária, algo que foi recorrente em praticamente todos os documentos analisados, mesmo que com menor evidência nos casos de “amor não correspondido”, à medida que uma tese contrária de nova correspondência amorosa seria uma possível forma de desistência do suicídio, segundo as argumentações (princípio de restrição) como um indicativo de dúvida.

Reforçando os dados trazidos por Agrest (2010), esta seria mais uma marca de que perder o sentido da vida se tornaria um argumento para a escolha pela morte voluntária. A imagem de si do suicida parece ser, nesses limites, de um indivíduo seguro de si e de seus atos, não disposto a voltar atrás em suas decisões e pronto a afirmar-se o único responsável por sua conduta (*phronesis*). Unidos a essa argumentação aparecem quase sempre alguns pedidos, que em T12 são marcados em não buscar os motivos e avisar a alguém próximo em “[4] Não procure saber o motivo” e “[5] Só peço comunicação este facto ao meu irmão Juvenal de Almeida, em São Paulo, Rua das Palmeiras nº. 6”, inclusive trazendo o endereço como forma de minimizar algum tipo de trabalho, mais uma característica desse *ethos*, e de consciente, além de culto e com escrita bem delineada pela grafia e utilização da norma culta, como no fechamento em “[6] Grato por este obséquio, subscrevo-me”.

Esquema 6: Esquema argumentativo T12



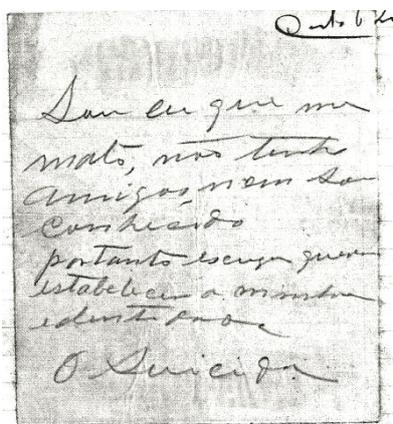
No esquema argumentativo para T12, acima, a tese anterior ficaria por conta de qualquer suspeita que pudesse levar a não ser um caso de suicídio. Na nova tese, destacam-se a autoafirmação sobre o suicídio “declaro-lhe que sou eu o único responsável por tal acontecimento”, e os dados que confirmariam e sustentariam essa afirmação que ficariam por conta de querer evitar trabalhos e não querer que fossem investigados os motivos, e o próprio endereço do irmão. Isso funciona como pontos de apoio de não ter sido qualquer outro crime, mas a livre escolha pelo suicídio. A restrição recai sobre a confissão do suicídio, conforme esquema acima.

### 3.3. O anonimato na assinatura

Para T10, assim como em T5, não trazer um nome próprio e identificar-se como “o suicida” parece ser o ponto mais marcante do texto. Em T10 a questão de identidade vem ligada à confissão do ato suicida e ao fato de autoafirmar-se suicida no fechamento do bilhete. A imagem de *ethos* segue pela objetividade e no sentido de mostrar-se ciente de suas intenções.

T10 9ª pretoria T7 863 – 1908 – Tentativa de Suicídio – Sujeito e ações desconhecidos por condições de conservação do inquérito. Destaque para o tipo de papel utilizado para a escritura do documento, uma folha de papel branco, sem linhas, tipo bloco de notas.

Figura 2: detalhe do original



[1] Sou eu que me mato, não tenho amigos nem sou conhecido. [2] portanto es eu quem estabelece a minha identidade.

[3] O suicida

No que se refere aos atos ilocucionários, em T10 está presente uma força assertiva/constativa, demarcando uma confissão e/ou declaração da morte voluntária. Em [2], uma conclusão de não ter amigo e nem ser conhecido (remetendo à solidão). Essa indicação lhe dá a prerrogativa para se autoidentificar como gostaria, no caso, como suicida. Trata-se de um acordo com o real, em que, ao deixar a confissão do ato suicida, o enunciador expõe o ato como um fato ou forma de verdade, além de gerar autoridade (técnica argumentativa). Esse enunciador pré-argumenta em razão de sua ação como já concretizada, apenas a ser creditada como verdade por seu possível coenunciador, não indicado, mas possivelmente a polícia ou quem encontrasse o corpo.

É interessante perceber que a fonte de interlocução, nesse caso, e em T12, parece indicar toda uma previsão dos acontecimentos pós-suicídio, como ser encontrado, haver investigação criminal, a busca pela motivação do suicídio. Ao destacar e mostrar-se alheio a vínculos de relação social, esse eu discursivo busca anonimato e afasta a possibilidade de um interlocutor particular ([1] ...não tenho amigos e nem sou conhecido). Esse comportamento direciona uma imagem de si ligada à solidão. Não ter amigos e não ser conhecido implicaria em destacar-se do tipo social prototípico, ou seja, das pessoas que têm amigos e alguém com quem se preocupar ou que se preocupe e necessite de uma explicação. Uma imagem de solidão, alguém sem família, ou amigos, ou mesmo é conhecido, que prefere identificar-se apenas como suicida, mas que articula certa sensatez (*phronesis*).

### 3.4. A argumentação por uma única microunidade de sentido

Mostrar-se indiferente a uma fonte de interlocução, ou com a própria identificação, é um dos destaques composicionais de T14. O documento aproxima-se estruturalmente do bilhete, contudo sem qualquer marca de abertura ou fechamento. É importante destacar como característica para esse tipo de construção que sem o contexto de produção pré-existente, ou pré-definido à situação sociodiscursiva de produção (tratar-se de uma composição de suicida), uma possibilidade de atribuir significado a essa proposição-enunciado se perderia na identificação do contexto e o documento mais pareceria um recorte de um texto maior.

T14 apresenta-se somente com o corpo da argumentação em uma única microunidade de sentido, que se move por uma força ilocucionária assertiva/constativa, declaração de não estar em posse de nenhum pertence, como forma de destacar a associação entre a morte e o roubo. Em outras palavras, nesse documento, as intenções do discurso parecem direcionar-se unicamente a esclarecer, a partir do descobrimento do corpo, que se trata de um caso de suicídio.

Ainda estruturalmente, seguindo as disposições de Adam (2008) para as microunidades de sentido, T14 é desenvolvido em uma única microunidade sintática (enunciado verbal). E em função desse aspecto, as informações que possam estabelecer ligações cotextuais apresentaram-se unicamente em torno do suicídio, ou nos depoimentos do inquérito. Na primeira possibilidade, o contexto revelaria como possíveis interlocutores familiares e a polícia, principal envolvida no momento pós-suicídio e na possível suspeita de roubo seguido de assassinato, a qual é prevista pelo suicida.

T14 11ª Pretoria T8 2721 – 1908 – Suicídio. O bilhete foi escrito por Francisco Tavares de Oliveira, encontrado morto por enforcamento na mata da Tijuca, Rio de Janeiro. O bilhete estava em seu bolso. As informações do inquérito não revelam as causas para a opção pela morte voluntária, apesar do empenho percebido entre os investigadores, contanto inclusive com foto da vítima para descrição nos autos.

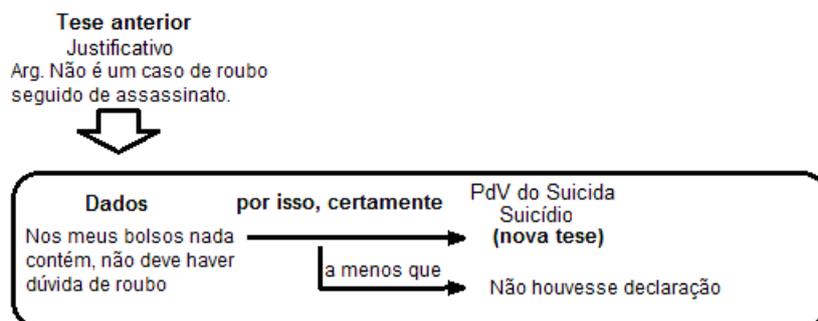
#### Transcrição de T14

[1] Assim que nos meus bolsos nada contém, para que não haja duvida de algum roubo.

Assim como vem sendo enfatizado para as composições apresentadas, um destaque para T14 gira também em torno das intenções expressas para a escritura do documento e não para a motivação do suicídio. O enunciador mostrar-se ciente e intenta enfatizar o suicídio em detrimento do que poderia ser imaginado como roubo e assassinato. Esse direcionamento ocorre em função da apresentação de dois fatos (acordo com o real), nada haver nos bolsos e não ser um caso de roubo (dados da proposição argumentativa), que retirariam as suspeitas de latrocínio (tese anterior), por parte do delegado ou qualquer outro interessado. Essa orientação abriria caminho para a nova tese, ser um caso de suicídio.

Em T14 a imagem de si liga-se, assim como nos documentos anteriormente analisados, à objetividade, à certeza dos atos (*phronesis*), bem como a não identificar-se, a ficar anônimo, ou não identificar familiares e direcionar-se a algum interlocutor específico. Um esquema argumentativo para esse tipo de discurso poderia ser traçado nos seguintes limites:

Esquema 7: Esquema Argumentativo de T14



## Conclusões

Pelas observações acima, a maioria dos documentos articula-se como casos particulares de documentos produzidos por suicidas, em que a leitura só é possível graças ao co(n)texto que envolve suas produções como um todo. O bilhete, como microunidade de sentido, revela estar atrelado à sua materialidade discursiva, local e tempo de realização. Afastado desses elementos, muito do que se poderia afirmar acaba perdido, longe demais de uma possível esquematização discursiva precisa como resultado.

Esse aspecto pôde ser visualizado em T5, em que a expansão da leitura só foi possível com ajuda dos depoimentos do inquirido e trouxe em relevo a possibilidade de traçar um sentido mais claro ao que foi delimitado como um *topos* junto à proposição em menção do que poderia ser admitido como o favor. Configura-se uma circunstância única, particular, que remete à situação sociodiscursiva de produção e ao efeito pretendido na escritura do documento (manifestar gratidão à amiga Theresa), possivelmente pelo contato mediado anteriormente por ela entre o suicida e Darita. Tem-se, assim, uma asserção argumentativa guiada no sentido de ser puramente afirmativa e demonstrar gratidão. Ao dispensar o fechamento com sua assinatura e não assinalar a motivação do suicídio, o enunciador deixa uma lacuna que não pode ser preenchida a não ser pela total reconstrução do contexto de produção.

Uma imagem de si, solitária, anônima ou que busca o anonimato, seja em sua identidade, seja pela definição dos motivos para o suicídio, caracteriza um tipo de discurso bem próprio a essa classe de produções, transfigurando-se como técnica argumentativa na categoria da pessoa e de seus atos. Esse eu suicida não precisa dizer quem é, não precisa provar nada, apenas concretizar-se por meio de suas ações (*phronesis*). É como se quisesse dizer: sou suicida, não tenho nada a declarar, apenas deixe-me com minha escolha.

Esses sujeitos constroem sua pessoa com uma característica que os particulariza, o suicídio. Retomando a ideia central discutida por Agrest (2010) de que cada cultura apresenta uma crença junto ao sentido atribuído à vida, esse tipo de suicida em particular é definido em nossa cultura como aquele que perdeu a fé (traços de religião), mas que mostra não se importar, não prever ou não traçar em seu discurso algum tipo de condenação que possa decorrer de suas ações. Por isso, não se prende a discutir ou tomar o PdV de seu possível coenunciador como ponto de partida de sua argumentação. Ele não encena nenhuma trajetória moral que viabilize algum tipo de perdão, vale-se apenas da autoridade de suas ações, não precisa se utilizar de nenhum outro ponto de vista, apenas do seu próprio. Segundo as técnicas de Perelman & Tyteca (1996), trata-se de uma ruptura do ato sobre o agente, o ato é

considerado uma verdade ou é a expressão de um fato, assim incontestável (ligações de coexistência, argumentos baseados na estrutura do real).

Esse tipo de suicida seria aquele que, diferentemente dos casos anteriores, como T1, ou T3, não sente necessidade de argumentar contra um ponto de vista específico. Sua intenção é justamente deixar em aberto, ou suscitar a dúvida sobre o que o motivou a morte voluntária e faz isso mostrando que é responsável por sua própria morte, não culpando ninguém, ou gerando dúvida de assassinato. Sua palavra é posta como incontestável.

Em suma, para as composições sem causas declaradas para o suicídio, é menos enfática a motivação para o suicídio e encontram-se mais aparentes as intenções para a escritura da carta. Graças à (re)construção do contexto de produção foi possível perceber outras instâncias interpretativas necessárias e constitutivas para essas produções de suicidas.

### Referências:

ADAM, J. M. *A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_; HEIDMANN, U.; MAINGUENEAU, D. *Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações*. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. *Eléments de linguistique textuelle*. Bruxelles-Liège: Mardaga, 1990.

\_\_\_\_\_. *Imagens de si e esquematização do orador: Pétain e De Gaulle em junho de 1940*. In: AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 93-117.

\_\_\_\_\_. *Les textes: types e prototypes, récit, description, argumentation, explication, et dialogue*. Paris: Nathan, 1997.

\_\_\_\_\_. *Une approche textuelle de l'argumentation: "schéma", séquence et phrase périodique*. In: DOURY M, MOIRAND S (Ed.) *L'Argumentation aujourd'hui*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2004. p. 77-102.

\_\_\_\_\_. *Linguistique textuelle: des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan, 1999.

ADAM, J. M.; BONHOMME. *L'argumentation publicitaire*. Paris: Armand Colin, 2010.

AGREST, D. C. *Por mano propia: estudio sobre las prácticas suicidas*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

BRETON, Philippe. *A argumentação na comunicação*. Bauru: Edusc, 2003.

\_\_\_\_\_. *A manipulação da palavra*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

COSTA, I. B. A retórica como ferramenta de leitura. *Revista de Letras*, ano 13, n. 11, p. 51-64, dez. 2009.

PERELMAN, C. TYTECA, L. O. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ARTS, B.; DENISON, D.; KEIZER, E. et al., *Fuzzy grammar: a reader*. Oxford University Press, 2004. Disponível em <<http://books.google.com>>. Acesso em: 23 jan. 2006.

SCHMETZ, R. *L'argumentation selon Perelman: pour une raison au coeur de la rhétorique*. Bélgica: Namur, 2000.